

MARIA ISABEL GOMES OLIVAES

**CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA
FREINET PARA POSSÍVEIS REFLEXÕES
SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Campinas

2001

MARIA ISABEL GOMES OLIVAES

***CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA FREINET
PARA POSSÍVEIS REFLEXÕES SOBRE A
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR***

Monografia apresentada como exigência para a obtenção do título de Licenciada em Educação Física, pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Eliana Ayoub.

Campinas

2001

Dedico esse trabalho a todos alunos da FEF-UNICAMP e aos educadores que fazem de sua prática pedagógica um espaço de prazer e cooperação.

Agradecimentos

A você mãe, que é TUDO nessa minha vida. Só tenho a agradecer pelo amor verdadeiro que tanto zela por mim e, por compreender o quanto foi importante ficarmos distante nesses anos, por isso, hoje consegui realizar um sonho! Obrigada.

A meu pai, que mesmo no silêncio e nas poucas palavras... Consigo entendê-lo da maneira que és. Também Te Amo!

Aos meus queridos irmãos, por respeitarem meus espaços, incentivarem-me e retribuírem com carinho e alegria a distância que nos separam. Obrigada, Má e Caco.

À minha querida cunhadinha que muito me atura e que tanto amo, Emeli.

À querida Fada Madrinha, Profa. Nana, quem dividiu comigo essa correria dos últimos meses e conseguiu fazer-me escrever com prazer, mesmo que em linhas "tortas". Agradeço –a, pela constante preocupação e incentivo na realização dessa monografia e pelo carinho e amizade que esteve entre nós e que permaneça sempre!

À mais recente amiga, Tâninha (Tânia R. Laurindo), por aceitar participar da minha banca, por compartilhar comigo os momentos na Escola Curumim, pela dedicação nas aulas da Nana e por ser tão atenciosa e sincera em todos os momentos que conversamos.

À Escola Curumim, pelo espaço cedido no qual pude realizar a pesquisa de campo. Obrigada pela colaboração e prestatividade em todos os momentos. Preciso agradecer, especialmente, ao Prof. Alcides Scaglia, pois sem ele, o rumo desse trabalho seria outro, sem o menor prazer em concluí-lo, você ajudou-me a construir a prática pedagógica que sempre sonhei. Agradeço também, à Profa. Adriana pelas várias caronas e à Rina, sempre atenciosa e prestativa para me ajudar.

À Escola Maria Alice C. Rodrigues, por nos propiciar a oportunidade para a realização do estágio da licenciatura, em especial: à diretora Valéria e aos inesquecíveis alunos que acreditaram em nós.

A Profa. Silvana Venâncio, que com sua sensibilidade soube tocar-me no coração, com carinho e conselhos fundamentais.

Aos professores da Fef, que colaboraram para que eu pudesse, tornar-me professora. Obrigada! Em especial, agradeço: Profa. Beth, Joca, Jorge P., Vilma P., Joãozinho, Adilson, Carminha, Robertão, Cesinha.

Aos meus amigos que sabem me compreender e criticar nas horas certas. Não tenho palavras para escrever o quanto são importantes para mim, cada um com sua essência no meu coração: Debi, Vagnão, Bayki, Smurf, Gus, Paty-beijo, Zé(Anibal).

Aos funcionários e colegas da Fef: Beeroth, Lurdinha, D.Maria, Geraldinho, Emerson, Dulce, Paulinhos (áudio e piscina); durante esses anos foram sempre prestativos e de alguma maneira contribuíram para a realização desse trabalho.

Aos amigos fantásticos que conquistei durante esses cinco anos de Unicamp, aprendi muito com vocês: Josi, Belém, Jaque, Andresa (Dê), Fer, Éden, Lígia, Carina, Bambi, Tati's, Daniel, Chinês, Limeira, Claudia (98), Zambelli, Mari, Carolzinha, Tocotó, Carol Mineira, Mateus, Carol Poog, Laura, Chioda, Lica, Jorginho, Milí, Laurita ... E aos outros que conheci pela faculdade.

Aos amigos de São Paulo que tentaram entender nossa distância, mas que nunca os esqueci: Lee, Tati, Lú (Xê), Pop, Adri, Rob, Sandro, Carol (do Morro). Especialmente às amigas, Alê e Jan, por deixarem fazer parte da suas vidas novamente. Valeu!

À minha "segunda família", Tio Vilo e Terezinha (Tê), que sempre incentivaram-me e ajudaram nas horas que mais precisei, meu eterno obrigada. Adoro muito vocês!

Ao amigo Giba por dividir comigo a experiência do estágio, foram importantes os momentos de discussão e companheirismo. Acertei no parceiro de estágio e numa grande pessoa batalhadora.

A Deus por todos os dias de minha intensa vida!

Resumo

Esta monografia tem como objetivo refletir sobre a pedagogia de Célestin Freinet no contexto da educação física escolar. Célestin Freinet acreditava que o trabalho pedagógico deveria ser dinâmico, considerando o conhecimento que o aluno já domina, respeitando o seu ritmo, para que ele atinja a plena realização de seu potencial. Sua prática pedagógica, voltada à ação, vem de encontro à prática tradicional, tanto questionada pelos educadores da atualidade. Num primeiro momento, abordamos os princípios da Pedagogia Freinet e suas contribuições para a educação física no âmbito escolar. Num segundo momento, relatamos a pesquisa de campo realizada numa escola particular de Campinas que se orienta pelos princípios freinetianos. Nessa fase de pesquisa, realizada no segundo semestre de 2001, acompanhamos as aulas de educação física, procurando observar as relações entre o trabalho realizado e os eixos da Pedagogia Freinet. Baseando-me nos estudos feitos no decorrer deste trabalho, cabe considerar que a proposta de Freinet circula entre o individual e o coletivo, procurando desenvolver ao máximo o senso cooperativo entre os educandos.

Sumário

Introdução	09
Capítulo I O encontro com Célestin Freinet	11
Capítulo II Pedagogia Freinet: princípios e contribuições para a educação física escolar	17
Capítulo III Reflexões acerca de um novo olhar para a educação física escolar	25
Capítulo IV A experiência vivida na Escola Curumim	32
Considerações finais	38
Referências Bibliográficas	39

Introdução

*“Não se preocupe em entender.
Viver é ultrapassar todo o entendimento.”*

Clarice Lispector (1998)

Como posso descrever em poucas linhas o oceano de emoções que se agita dentro de mim diante das palavras encantadoras: escola, Freinet, aluno, autonomia, ensino, aprendizado? Como resumir toda essa magnitude em palavras escritas?

Numa aula da faculdade, tivemos a oportunidade de receber a visita de um professor convidado que, brevemente, discorreu sobre a Pedagogia Freinet, propondo algumas idéias inovadoras para a nossa atuação nas aulas de educação física escolar. Informou-nos que há uma escola em Campinas cujo projeto pedagógico baseia-se na Pedagogia Freinet, na qual ele atua como professor de educação física. O semestre terminou e, logo em seguida, vieram as “engenhosas” monografias.

Pensei, repensei e... decidi. Porque não estudar a Pedagogia Freinet, descobrir os mistérios de sua proposta pedagógica que representava tanto para aquele professor com olhos brilhantes para educar? Como será sua proposta de trabalho?

Foi então que, mais tarde, fiz contato com esse professor, a fim de realizar um estágio na Escola Curumim que pudesse trazer elementos para uma pesquisa de campo sobre a educação física escolar no contexto da Pedagogia Freinet. O estágio/pesquisa de campo foi realizado durante o segundo semestre de 2001, no qual pude conhecer mais de perto as aproximações da Pedagogia Freinet com a educação física escolar.

Hoje, posso apresentar esse professor como o Alcides (Cidão), sempre compreensivo e atencioso com seus alunos, buscando a reflexão, a criatividade e a cooperação em suas aulas.

Tantas dúvidas e perguntas sem respostas instigaram-me a estudar Freinet, esse professor primário francês sobre o qual muito pouco se ouve falar na faculdade. Talvez porque Freinet não seguiu carreira acadêmica na universidade. Estudando Célestin Freinet, pude perceber o quanto sua obra é enriquecedora para o âmbito escolar.

Descobri que a Pedagogia Freinet é muito mais uma pedagogia de perguntas do que de respostas e que quanto mais inquieta for, mais crítica ela se tornará.

Busquei fazer aproximações da Pedagogia Freinet com a educação física, mesmo sabendo que não existe referência direta da educação física como área de conhecimento nesta pedagogia. Nesse sentido, o desafio deste trabalho coloca-se, justamente, em buscar contribuições da Pedagogia Freinet para possíveis reflexões sobre a educação física escolar, tendo em vista pensar em outras abordagens a respeito do trabalho com a cultura corporal.



Capítulo I

O encontro com Célestin Freinet

Com base nas obras de Sampaio (1994) e Elias (1996 e 1997), abordarei alguns aspectos da vida de Célestin Freinet.

Ele nasceu em 1896, num pequeno vilarejo do sul da França chamado Gars, situado nos Alpes Marítimos. Durante sua infância foi pastor de rebanhos.

Em 1914, com o início da 1ª Guerra Mundial, Freinet interrompeu seus estudos, alistando-se no serviço militar. Ao participar dos combates, sofreu as ações de gases tóxicos que comprometeram seus pulmões, além de ter sido ferido pelas balas dos alemães, o que o fez sair da guerra muito debilitado e traumatizado fisicamente. Não estava inválido, mas tinha os pulmões perfurados, e mesmo assim, depois de sair dos hospitais onde esteve, voltou a lecionar.

Em 1920, Freinet inicia na pequena aldeia de Bar-Sur-Loup seu trabalho como professor primário, numa escola instalada numa casa antiga e muito humilde.

Faltava, a Freinet, a experiência pedagógica, pois não havia terminado o curso normal em decorrência da guerra. Recomeça, então, a estudar sozinho. Registrava tudo o que ouvia de seus alunos, seus comportamentos, seus sucessos e fracassos.

Devido às suas dificuldades físicas, especialmente de respiração, Freinet tinha problemas para ensinar utilizando a fala, em classes que, na época, tinham entre 50 e 90 alunos. Decidiu, então, sair da sala de aula e fazer passeios com os alunos. Depois de conversar intensamente com os alunos sobre os acontecimentos dos passeios, estimulava-os a escrever tudo o que eles contavam.

Passou a se interessar mais sobre temas da educação, buscando referências no âmbito da pedagogia internacional em estudos de Rousseau, Rabelais, Montaigne, Decroly, Cousinet, Montessori, Dewey, Makarenko, Korczak, Ferrière, Piaget, Pestalozzi etc. Encontrou contribuições e criticou o que contrariava suas idéias específicas sobre a

educação da criança. “Entre os pedagogos citados, foi influenciado, particularmente, por Rousseau, Pestalozzi e Ferrière” (Elias, 1996, p.18).

Após ter estudado diversos seguidores do movimento da Pedagogia Nova, prestou o exame que o habilitou a exercer a função de professor.

Em 1926, Elise, que mais tarde casou-se com Freinet, chega à escola Bar-Sur-Loup para trabalhar como colaboradora de Freinet. Com suas habilidades artísticas e o espírito aberto para as experiências de Freinet, veio a complementar seu trabalho.

Em 1927, Freinet edita seu primeiro livro, “A Imprensa na Escola”. Nesse livro, ele expõe as vantagens de se adotar a técnica da imprensa nas atividades escolares. Ainda neste ano, realiza o 1º Congresso que consagra o Movimento Internacional de Material Impresso na Escola. Nesse congresso, Freinet pôde sanar dúvidas dos adeptos de seu movimento relativas ao uso adequado de todo o material; teve também a oportunidade de tornar mais claro para os congressistas como as técnicas da imprensa na escola deveriam ser utilizadas. Encerrando o congresso, Freinet apresentou um filme, no qual mostrava como era o desenvolvimento do trabalho e a relação professor-aluno durante o processo. Nesse mesmo ano, nasce a Cooperativa do Ensino Leigo (CEL), a qual surgiu para tentar subsidiar os gastos não só com a publicação da revista *La Gerbe*, como também dos boletins que eram distribuídos a todos os adeptos da Pedagogia Freinet, os quais participavam de alguma forma para que a CEL funcionasse. Não era a dificuldade financeira que faria parar uma publicação como a *La Gerbe*, que tinha se tornado a mais lida das produções literárias da Cooperativa.

Freinet não poderia imaginar que a Cooperativa cresceria a ponto de, na década de 1980, fornecer material pedagógico e publicações para milhares de associados em diversas partes do mundo.

Em 1928, Freinet pediu transferência para Saint-Paul de Vence, uma pequena vila medieval, cercada de muralhas e ruas bem estreitas.

Nessa época, Elise e Freinet já haviam se casado e tinham uma filha, chamada Madeleine.

Apesar das péssimas condições da escola, velha e mal conservada, o entusiasmo de Freinet para iniciar uma nova jornada de trabalho era grande. Foi preciso iniciar todo o trabalho, o que demorou um certo tempo para que os alunos se acostumassem com aquela nova forma de aprendizado.

Freinet amava seus semelhantes; tinha como princípio respeitar a criança e dar a ela o direito de viver plenamente como criança, sob todos os aspectos. Acreditava que respeitá-las como crianças era condição fundamental para que pudessem desenvolver suas capacidades e sua personalidade. Isso contribuiria para que no futuro, quando adulta, estivessem prontas para defender os direitos de todos, aprendendo a trabalhar pela coletividade.

Freinet propunha quebrar os métodos tradicionais, em que as crianças ficam estáticas, sentadas nas cadeiras, ouvindo o professor falar. Suas técnicas favoreciam uma pedagogia nova, essencialmente prática e cooperativa, na qual os alunos podem desenvolver habilidades de análise crítica, de avaliação pessoal, de expressão livre de seus próprios pensamentos e opiniões, de exercício da cooperação, da criatividade, da responsabilidade e da afetividade.

Em 1933, Freinet é exonerado do cargo de professor em Saint-Paul de Vence, devido ao crescimento das trocas de cartas e encomendas provenientes do intercâmbio com outras escolas, até de outros países. Os moradores da cidade, percebendo o grande movimento no correio, passaram a desconfiar até de "espionagem russa". Vale lembrar que a Europa vivia, nos primeiros anos da década de 1930, um clima de guerra, com o nazismo crescendo na Alemanha, o fascismo dominando a Itália e o nacional-socialismo espalhando-se por toda parte.

Nesse fervilhar, os moradores de Saint-Paul, influenciados pelos reacionários, pelo inspetor escolar, conseguiram criar um clima de tensão,

que após desagradáveis distúrbios, acabou levando à suspensão de Freinet do cargo de professor.

Em 1940, Freinet é acusado de ser um líder perigoso, que editava panfletos clandestinos, sediados na CEL, que consideravam ser um quartel general, onde se guardavam armas e munições. Levaram-no como prisioneiro para um campo de concentração em Var, sendo vítima de graves lesões pulmonares, o que já ocorrera durante a 1ª Guerra Mundial. Seu estado de saúde agravou-se, devido às péssimas condições em que o mantiveram, mas consegue se recuperar, dedicando-se pedagogicamente aos seus companheiros de prisão. Sai da prisão em 1941.

Terminada a guerra, Elise e Freinet voltaram para Vence e encontraram a CEL destruída. Pouco se podia aproveitar dos restos de papéis sujos que restaram. Mas a vontade de recomeçar todo o trabalho era grande. Reconstruíram tudo com a ajuda de alguns pais que se dispuseram a colaborar. Todo o movimento cresceu novamente e a CEL foi reorganizada.

Nesse processo de reerguimento da CEL, foi criado o ICEM, Instituto Cooperativo da Escola Moderna, uma associação pedagógica voltada à pesquisa e que se incumbiria de assegurar o aperfeiçoamento da CEL, bem como de cuidar das edições da Cooperativa.

Em 1966, Freinet morre em sua escola, na cidade de Vence e é enterrado em Gars, seu vilarejo natal. Continuando sua obra, lá permaneceu Elise, como presidente do Movimento, escrevendo livros e trabalhando até 1983, ano em que também morreu, cercada de respeito e afeição.

O trabalho do casal prossegue. Sua filha Madeleine, mantém viva a Escola Freinet de Vence. O objetivo da Escola Freinet é assegurar a conservação, o desenvolvimento e a aplicação prática dos métodos pedagógicos de Célestin Freinet.

Com o propósito de não deixar enfraquecer as idéias propostas por Freinet, os membros do ICEM, em vários congressos, reafirmaram os princípios pedagógicos de seu movimento, conhecidos até hoje. Cabe destacar que a Pedagogia Freinet é internacional, seus educadores fazem parte da FIMEM (Federação Internacional dos Movimentos da Escola Moderna), criada em 1957, durante o Congresso do Movimento Francês da Escola Moderna.

Durante suas palestras, cursos e conversas com pedagogos, Freinet percebeu que somente a transmissão de conselhos técnicos de sua filosofia não seriam suficientes, se estes não fossem acompanhados de instruções mais exatas. Com isso ele organizou uma série de princípios que chamou de Invariáveis Pedagógicas (que não variam). *“Seu objetivo era estabelecer uma nova gama de valores escolares, numa busca da verdade, que deveria ser feita à luz da experiência e do bom-senso”* (Sampaio, 1994, p.80).

Ao apresentar as Invariantes, Freinet organizou-as em relação a três aspectos:

- A natureza da criança;
- As reações da criança;
- As técnicas educativas.

As Invariáveis Pedagógicas são numeradas em 30 invariantes, dentre as quais destaco as seguintes:

- A criança e o adulto não gostam de imposições autoritárias.
- A criança e o adulto não gostam de uma disciplina rígida, quando isso significa obedecer passivamente uma ordem externa.
- Ninguém gosta de trabalhar sem objetivo, atuar como máquina, sujeitando-se a rotinas nas quais não participa.
- Não são a observação, a explicação e a demonstração - processos essenciais da escola - as únicas vias normais de

aquisição de conhecimento, mas a experiência tateante, que é uma conduta natural e universal.

- Fale o menos possível.
- A democracia de amanhã prepara-se pela democracia na escola. Um regime autoritário na escola não seria capaz de formar cidadãos democratas.
- Uma das primeiras condições da renovação da escola é o respeito à criança e, por sua vez, a criança ter respeito pelos seus professores; só assim é possível educar dentro da dignidade.
- É preciso ter esperança otimista na vida. (Sampaio, 1994, p.81-99).

Freinet conseguiu em sua coletânea de experiências proporcionar-nos uma pedagogia sensível, humana e nova, que nos dá possibilidade de ver o aluno como um todo, explorando ao máximo sua capacidade de desenvolver-se como ser social e individual. No Brasil, a prática e a divulgação da Pedagogia Freinet tiveram conquistas a partir de 1972.



Capítulo II

Pedagogia Freinet: princípios e contribuições para a educação física escolar

A disposição do material da classe Freinet é por si só um convite à comunicação do trabalho. As classes são organizadas em ateliês (cantos), visando principalmente a autonomia dos alunos, bem como o atendimento de suas necessidades. Cada ateliê corresponde a um canto de trabalho.

Desse modo elas trabalham livremente, deixando seus sentimentos e idéias manifestarem-se, comunicando-se com os outros, conhecendo-se e interagindo, criando e organizando-se, avaliando-se.



Escola Curumim, Campinas – SP.

Cabe ressaltar que esses ateliês são bem variados, propiciando um leque de atividades, sendo às vezes substituídos por outros, dependendo dos objetivos e conteúdos a serem trabalhados no período. Neles, os alunos trabalham com argila, tinta, há a biblioteca, a cozinha, o canto do desenho, o canto da matemática, do português, dos jogos etc.

O aluno é quem escolhe o ateliê em que deseja trabalhar, tendo como responsabilidade realizar a atividade até o final, além de respeitar número máximo de crianças em cada grupo.

A escolha dos ateliês é feita através do plano de trabalho. Na segunda-feira, o aluno define para toda a semana o que irá trabalhar a cada dia, tomando o cuidado de distribuir bem as atividades. Nesse processo, a mediação do professor é muito importante, estando esse atento às dúvidas, aos conhecimentos a serem esclarecidos e a organização da aula. Em cada ateliê, o material necessário para a realização das atividades encontra-se disposto de forma que o aluno possa utilizá-lo e guardá-lo sem necessitar da ajuda do professor.

O professor Freinetiano diariamente analisa a reação dos seus alunos, acompanha o desenvolvimento da classe, distingue o que já foi aprendido, o que precisa continuar sendo trabalhado e o que é preciso ser introduzido. Portanto, esse professor, a partir de uma reflexão sobre sua prática em sala de aula, diariamente planeja o seu trabalho.

Na Pedagogia Freinet, o professor é um facilitador, que sabe ajudar cada criança a tomar consciência de seu valor, de sua personalidade, daquilo que existe de único nela. O professor coloca-se ao lado do aluno, ajudando-o a tomar consciência de suas possibilidades.

Não podemos dividir a Pedagogia Freinet em compartimentos, em técnicas específicas. Devemos entendê-la como uma pedagogia da totalidade. As principais técnicas que congregam esse conjunto coeso são:

- A imprensa na escola;
- O texto livre;
- O jornal escolar (mural, falado e de circulação);
- A correspondência interescolar;
- O livro da vida;
- O fichário escolar cooperativo;
- A aula-passeio (estudo do meio);

- A biblioteca de consulta;
- O fichário autocorretivo;
- Os planos de trabalho semanal e diário;
- Os ateliês de atividades (cantos);
- A cooperativa escolar;
- A música, o teatro livre e o cinema;
- O contato da escola com os pais. (Elias, 1997, p.77; Sampaio, 1994, p.180-221).

Existem três critérios para uma classe Freinet ser composta. O primeiro critério é que deve ser um grupo de trabalho cooperativo, constituído livremente, com seus elementos decididos a atingir um objetivo, a realizar algo de concreto. Freinet exprimia isso como sendo "Educação pelo Trabalho". O segundo critério é a produção do jornal do grupo, que pode ter várias formas, um livro da vida, com os relatórios informais das reuniões, uma revista, uma criação literária ou artística, enfim, um registro do trabalho do grupo. O terceiro critério é o de realizar a correspondência intergrupala, ou seja, entre as classes, ou entre as escolas que trabalham a proposta Freinetiana. É essencial que haja uma troca de conhecimentos e de experiências. É preciso incentivar a comunicação para o grupo crescer. É indispensável manter contatos, trocar cartas, livros, relatórios, fotos, fazer visitas a outras classes ou grupos de trabalho.

As dimensões pedagógica, política e social integram-se na obra e na vida de Freinet. Esse entendia que a sociedade está permeada por contradições que, por sua vez, expressam os interesses antagônicos das diferentes classes sociais, invadindo todos os espaços da vida social, dentre eles a escola.

"Ao defender a integração trabalho e educação, Freinet afirma que a relação direta do homem com o mundo físico e social realiza-se por meio do trabalho. Na sua visão, a

técnica essencial da educação consiste em proporcionar ao aluno a possibilidade de realizar um trabalho real, prático, concreto, socialmente produtivo. Além de um meio educacional de alto significado, vê no trabalho uma atividade fundamental do homem, base e motor de uma educação popular, recurso capaz de gerar a fraternidade entre os homens" (Elias, 1996, p.11).

Preocupado em melhorar a sociedade, Freinet pretende liberar o homem de autoritarismos, fazendo-o artesão de sua própria educação, sujeito capaz de participar, de forma crítica e criativa, da construção de uma nova sociedade que lhe garanta um desenvolvimento o mais humano possível.

Na sua concepção, a escola deve ser ativa, dinâmica, aberta para o encontro com a vida, participante e integrada à família e à comunidade, contextualizada em termos culturais.

A proposta pedagógica elaborada por Freinet revolucionou, já na época, a dinâmica da sala de aula, determinando mudanças profundas no relacionamento professor-aluno, escola e saber. Preocupado com o excesso de crianças na sala de aula, lança uma campanha nacional em favor de que cada classe tivesse 25 alunos.

Incentivado pelo desejo de proporcionar ao educando um papel ativo no plano escolar, Freinet realizou uma ação educativa na qual teoria e prática não se opõem; ao contrário, nenhuma das duas pode desenvolver-se sem a outra.

"Freinet propõe uma pedagogia natural, nova e popular. Essa pedagogia, também entendida como Pedagogia do Bom Senso e Pedagogia do Sucesso está baseada, principalmente, nos seguintes princípios: confiança e respeito ao ser humano e seus direitos" (Elias, 1996, p.12).

A criança tem a necessidade e o direito de buscar sozinha, de descobrir e alegrar-se com suas descobertas, de encontrar seu lugar no

mundo, de analisar este mesmo mundo, de dominar física e mentalmente seu ambiente e inserir-se nele.

O método natural integra a vivência coletiva e individual da criança. Baseado na expressão livre e no tateamento experimental, é um meio notável de aprendizagem que, atingindo bases profundas da vida, favorece a aquisição dos saberes numa linha de unidade permanente e de integração dos conhecimentos científicos.

Toda aprendizagem natural está sujeitada ao tateamento experimental. Por meio de tateio, a criança realiza uma trajetória científica, criando regras de vida, adquirindo conhecimentos que vão enraizando-se em profundidade, permanecendo, porém, relativos e passíveis de revisão quando novos fatos aparecem ou quando são feitas novas experiências.

Vale acentuar que é a partir de suas próprias experiências no "confronto dialético" com o mundo que o educando construirá sua própria personalidade e proverá os elementos de sua própria cultura.

A livre expressão vem definir uma nova postura que transforma a escola num espaço aberto aos processos da vida, de trabalho e de aprendizagem da democracia por intermédio da participação cooperativa. Pode ser destacada em suas múltiplas formas de manifestação (oral, escrita, artística, musical, expressiva...).

Com o texto livre o aluno tem a escrita como uma parceira em sua formação. O aluno escreve o que está vivendo, aprendendo, sentindo, criando.

Esse texto é lido em roda, na "hora do texto livre", na qual o aluno tem a oportunidade de ler o que escreveu, acrescentando as possíveis correções e elogios, vindas do professor, buscando refletir e apreciar o seu texto.



Escola Curumim, Campinas – SP.



Escola Curumim, Campinas – SP.

“É no trabalho que a educação encontrará seu motor essencial, sua técnica primordial. Nesta perspectiva, fala-se de um trabalho concebido como uma atividade livre, definido a partir de um plano de atividades elaborado pela própria criança, no contexto da comunidade/classe. Como centro da educação e da vida, trata-se de um trabalho motivado pelo desejo do aluno de fazer e conhecer, pela vida do grupo/classe e pela consciência das aquisições desejadas” (Elias, 1996, p.16).

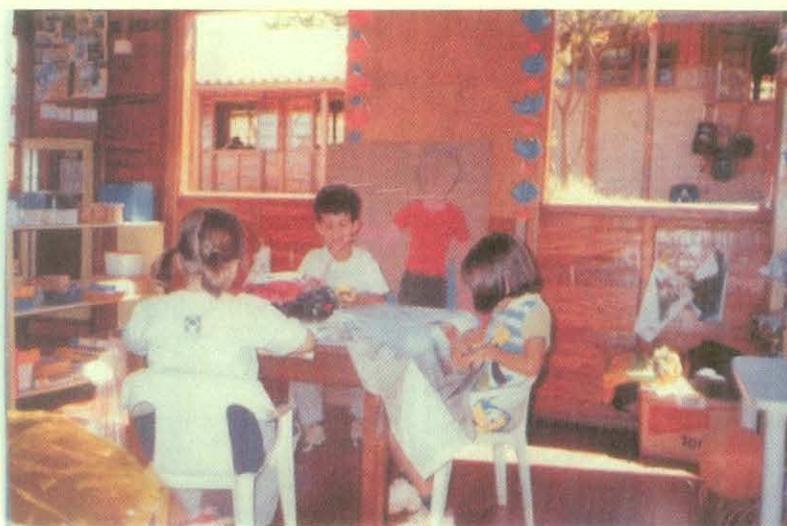
Freinet propõe a educação pelo trabalho, que não significa educação pelo trabalho manual e sim a união entre intelectualidade e manipulação, pensamento e ação. Para chegar ao valor educativo do trabalho, propõe inicialmente a observação, em seguida a expressão, depois a experimentação. O valor educativo destas operações está no resultado da união das três. Portanto, Freinet ressalta a necessidade de ligar o estudo a uma constante experiência tateante, relacionada o mais possível com a vida. Questiona as tarefas escolares (repetitivas e enfadonhas) opostas aos jogos (atividades lúdicas), apontando como essa dualidade presente na escola reproduz a dicotomia trabalho/prazer gerada pela sociedade capitalista industrial. A escola, concebida por Freinet, é vista como elemento ativo de mudança social, na qual a atividade fundamental é o trabalho/jogo.

Respeitando o ritmo de cada aluno, tendo o professor como mediador das atividades, o aluno experimenta fazer seu trabalho de pesquisa reflexiva, explorando, observando, tateando, emitindo hipóteses, verificando-as. Pouco a pouco, o tateamento experimental, vai desenvolvendo-se e assim, os conhecimentos vão sendo adquiridos pelos alunos, enraizando-se, tornando-se revisáveis quando novas experiências são exploradas.

A Pedagogia Freinet é de tal maneira flexível, que cada um pode adaptá-la às suas possibilidades e às suas necessidades.



Escola Curumim, Campinas – SP.



Escola Curumim, Campinas – SP.



Capítulo III

Reflexões acerca de um novo olhar
para a educação física escolar

Como afirma Escobar (1989, p.7-8), no decorrer da história, o ser humano tem produzido um fantástico acervo de formas de representação do mundo, exteriorizadas pela expressão corporal. Assim, podemos identificar o jogo, a dança, a luta, a ginástica, o esporte, a mímica, entre outros, como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo ser humano, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas.

Todas essas manifestações culturais compõem uma abrangente área que pode ser denominada de “cultura corporal”. No universo da cultura corporal, cabe à educação física tratar pedagogicamente, na escola, alguns dos temas da cultura tendo, portando, como objeto de estudo a expressão corporal como forma de linguagem.

“Dançar, jogar, vivenciar diferentes esportes, vivenciar as práticas corporais de diferentes culturas, se entendidas como fenômenos culturais, estarão contribuindo, para formação de um homem capaz de se apropriar do mundo” (Coletivo de Autores, 1992, p.22).

Às vezes a escola transforma-se num gigante balde de água fria, apagando a fogueira (alegria) dos alunos, mas é preciso manter essa chama acesa, podendo desse modo ser um sinal no caminho da cultura. Por isso existe o desafio. Geralmente o aluno gosta do que já conhece e rejeita o novo, o desconhecido, o difícil. Cabe a nós, professores, instigar o desejo de conhecimento pelo novo, produzir desafios com esse desconhecido, arrancando alegria a cada conquista, além de estimular a autonomia dos nossos alunos.

Nesse sentido, precisamos entender que formar é muito mais do que o simples fato de treinar nossos alunos. A autonomia vai sendo conquistada num processo de formação que é feito em conjunto com os

alunos. Precisamos ter algumas certezas, pautadas em estudos realizados por meio de livros, reuniões e das nossas próprias anotações do dia-a-dia de nossa prática, mas é preciso não cristalizar nossas idéias e fechar-se para o novo.

Somente percebermos o novo, se deixarmos nossas certezas provisórias, sem fechar as idéias por completo, se nos abirmos para as novas tendências, para o que o aluno têm a nos dizer e para tudo o que está por vir. O novo pode surgir também, por meio do que um aluno venha a propor ou mostrar como curiosidade. Numa aula, devemos compartilhar sim nossos conhecimentos, nossa visão crítica sobre o assunto, mas é preciso deixar a liberdade fluir sobre nossos alunos, deixá-los expressarem o que acham, para que novos olhares, novas tendências possam surgir no decorrer do processo de ensino-aprendizado. Porém, os alunos nem sempre têm a liberdade de se expressarem diante do professor que impõem seus conhecimentos, jorrando arrogância e certezas, fazendo do aluno um "objeto ouviente e acrítico".

O professor deve ser democrático, instigando a participação de seus alunos, e por meio de sua prática docente, reforçar a capacidade crítica dos discentes, sua curiosidade, sua não submissão. A autonomia vai constituindo-se na experiência de várias decisões que vão sendo tomadas.

Snyders (1988) afirma a possibilidade de uma escola alegre, na qual o aluno alegra-se ao conhecer o novo; a alegria que se constrói na busca pelo que é mais elaborado, pelo que é difícil.

Snyders (1988) acredita que a mesma alegria que os jovens sentem e expressam nos campos esportivos, pode estar presente no âmbito da escola. As atividades corporais e artísticas fazem parte desse lugar de aprender. A escola é um momento da vida que não somente prepara seres humanos para o futuro, mas que deve também, acreditar no presente e naquilo que esses seres têm para nos ensinar.

Salientamos aqui uma afirmação de Snyders (1988, p.218) que consideramos bem legítima: *"não considere seus alunos tolos"*, eles gostam de desafios que consigam realizar; desse modo aprendem com mais intensidade e a aula torna-se mais alegre e motivante.

É preciso romper com uma visão tecnicista na escola, principalmente na educação física, e aprofundar o estudo dos diferentes temas da cultura corporal.

O ensino de qualquer tema da cultura corporal, como por exemplo o do jogo esportivo, também inclui um olhar sobre a dimensão técnica, mas isso não significa, como diz Soares (1996, p.10): *"nem tecnicismo nem performance, o lugar da performance não é na escola"*.

O professor de educação física deve desenvolver abordagens diferenciadas para os jogos e modalidades esportivas, não a partir do gesto técnico e sim, dos significados que os fundamentos desses jogos e modalidades possuem.

De todos os conhecimentos presentes nas aulas de educação física, os que predominam são sempre aqueles de natureza esportiva. Acreditamos que se estamos na escola, devemos dar um tratamento escolar ao conteúdo e, sobretudo, dar lugar à abrangência que ele possa ter, sem se deixar cair nas formas estereotipadas.

Imaginemos se os alunos escolhem o consagrado futebol e deixamos de lado os demais conhecimentos da cultura corporal, ficando apenas com o tema escolhido por eles; ou então, ao invés dos alunos escolherem um determinado tema, o professor é quem escolhe autoritariamente o esporte que mais gosta de praticar, por exemplo, o basquete, deixando os conhecimentos dos alunos limitados- a um só esporte.

Do ponto de vista da educação, o estudo do esporte deve propiciar ao aluno uma participação de maneira que as possibilidades pedagógicas do esporte e dos seus gestos característicos possam ser realizadas. Desse modo, o esporte torna-se um tema de estudo, podendo

receber diferentes significados que irão dar origem a diferentes perspectivas para a sua realização na prática pedagógica, desde que trabalhados em sua totalidade. É importante nesse processo que o professor procure fazer uma ligação das aulas com o mundo dos alunos e as suas situações cotidianas de jogos, buscando confrontar sentidos do esporte que possibilitem questionar a alienação e passividade - tanto do professor quanto do aluno.

"Quando se entende aula de educação física como construção de uma realidade social, caracterizada por um acontecimento socialmente regulamentado, então a análise da aula de educação física tem de se concentrar nas exigências e regras sob e pelas quais professores e alunos a constroem, isto é, desenvolvem situações de aula" (Grupo de Trabalho Pedagógico UFPE-UFSM, 1991, p. 9).



Escola Curumim, Campinas – SP.

Desde o início dos anos 1980 e tomando maior espaço nos dias de hoje, cada vez mais são discutidas idéias para uma reforma nas aulas de educação física, tendo em vista que há uma visão de educação física voltada para educar o aluno, tornando-o capaz de entender a sociedade em que vive e sendo esse capaz de transformá-la na medida em que achar possível e necessário.

Devemos entender os alunos como pessoas que têm capacidade de dar seu sentido às situações de aula e de concebê-las conforme suas necessidades.

Pensando no dever que temos como professor, de respeitar a dignidade do aluno, sua autonomia, seu processo de identidade, devemos pensar também numa prática que seja condizente com esses princípios. Deve estar atenta à reciprocidade, pois o aluno também deve respeitar o professor, podendo, desse modo, chegar a uma forma pela qual os alunos possam participar do processo de avaliação deles mesmos, do professor e do processo educativo como um todo.

Ainda persiste a idéia cristalizada na escola brasileira de que a avaliação está unicamente ligada ao processo de promover ou reter o aluno, levando alguns professores de educação física a considerar como critério avaliativo somente a freqüência às aulas, ou então, pautam sua avaliação pela constatação de rendimento físico por meio de testes padronizados ou execução de fundamentos esportivos.

A assiduidade não pode, por si só, determinar a apropriação ou não de conhecimentos ensinados. É preciso ampliar as perspectivas de avaliação em educação física, propondo trabalhos de pesquisa aos alunos, elaborando provas escritas ou orais sobre os conhecimentos da cultura corporal por eles trabalhados, observando as discussões feitas pelos alunos.

A avaliação é uma situação de aprendizado tanto para o aluno como para o professor, porque permite ao aluno a percepção de acertos e erros, corrigindo, retomando, prosseguindo; ao professor,

possibilita tomada de decisões sobre os próximos passos a serem dados em função do que foi, ou não, compreendido pelo aluno.

A prática educativa deveria ser avaliada como um todo, não de modo fragmentado. O professor também deve participar dessa prática de avaliação, pois cabe a ele a responsabilidade pelo ensino. É também de responsabilidade da instituição, a avaliação do professor juntamente com o coordenador da escola, ou supervisor; da unidade de ensino com os alunos e pais; dos funcionários com o diretor da escola; e assim por diante.

Podemos pensar em diferentes formas de avaliação do aluno nas aulas educação física no âmbito escolar. Tendo em vista a expressão corporal como forma de linguagem, poderíamos pensar na composição de coreografias, em jogos construídos pelos alunos, na organização de eventos esportivos, em oficinas de brinquedos criadas pelos alunos, como possibilidades avaliativas.



Escola Curumim, Campinas – SP.

A avaliação deve ser feita todos os dias. Permanentemente devemos avaliar-nos, quanto às relações interpessoais na escola, em nossas aulas, nas atividades propostas, enfim, devemos estar atento à leitura que fazem de nossa atividade. Um tom menos cordial é um texto que pode ser lido por muitos anos, um sorriso numa hora exata ou o silêncio podem ser a chave do sucesso da confiança perante os alunos e a escola.

"A avaliação é da prática educativa e não dum pedaço dela. O educando também deve participar da avaliação da prática, porque o educando é um sujeito dessa prática. A não ser que nós o tomemos como objeto da nossa prática. Mas se nós o tomamos como sujeito também da prática, a prática educativa deveria ser também então constantemente avaliada pelo supervisor ou pela supervisora com a professora e com os alunos daquela unidade. E as maneiras mais práticas de se fazer isto, a própria prática sugere e a própria prática ensina. E avaliar essa prática não como quem fica de fora dela para descobrir o que há de ruim nela, mas como quem está dentro dela à procura de melhorar-se pela melhora dela. Só assim eu acho que tem sentido um trabalho de avaliação, um trabalho de supervisão, enquanto avaliação permanente e não como avaliação enquanto um certo momento da ação. No fundo, o professor também precisaria assumir a sua prática e consciência de que também ele é supervisor da sua prática e que também o aluno, o educando, deve ser supervisor dessa prática" (Freire, 1989, p.94).



Capítulo IV

A experiência vivida na Escola Curumim

"Ensinar não é programar, não é pedir respostas, mas sim, levantar perguntas. Não é a instalação do educador no aluno, mas a provocação do aluno à independência" (Grupo de Trabalho Pedagógico UFPE-UFSM, 1991, p. 74).

A Escola Curumim tem 23 anos de existência e trabalha no âmbito da Educação Infantil e do Ensino Fundamental (1ª a 8ª série), tendo como limite 25 alunos por classe.

Tem como projeto pedagógico garantir aos alunos condições para o seu pleno desenvolvimento por meio dos quatro eixos que norteiam a Pedagogia Freinet: a livre expressão, a cooperação, a autonomia e o trabalho. A escola busca cultivar as relações humanas, construindo parcerias entre os pais e mães.

A proposta da Escola Curumim é tornar o aluno construtor de sua própria formação, responsabilizando-se pelos conhecimentos e avaliando-se de forma positiva. Para organizar o currículo, a escola parte dos interesses e necessidades dos alunos. Na roda de conversa, os alunos têm espaço para manifestar esses interesses e também para construir a vida em grupo. Os conteúdos curriculares são rigorosamente cumpridos, conciliando-se os interesses dos alunos com as exigências escolares.

Com o propósito de conhecer a dinâmica da Escola Curumim, seus espaços, professores e principalmente acompanhar as aulas de educação física, na busca de aproximações com a Pedagogia Freinet, realizei um estágio na escola, durante o segundo semestre de 2001, no qual acompanhei as turmas do ensino fundamental (5ª a 8ª séries), juntamente com o Prof. Doutorando Alcides Scaglia, formado pela Faculdade de Educação Física da Unicamp.

Durante esse período vivido e experimentado na escola, pude observar vários momentos encantadores, dentre os quais uma outra maneira de olhar os alunos, contemplando o rico espaço em meio a muitas árvores, muito verde, numa estrutura-espacial diferenciada das

demais escolas que tivemos acesso. Realmente, a escola propõe um ambiente diferente, as salas de aula são espaçosas e equipadas, o que favorece um clima descontraído e alegre no ambiente escolar.

Desde o primeiro momento em que cheguei na escola, até os últimos dias de convívio escolar, fui muito bem recebida por toda equipe, inclusive pelos alunos. No primeiro dia, chamaram-me para participar da atividade de Jogos de Tabuleiros. Foi uma surpresa a atitude dos alunos, pois esse fato ocorreu em todas as turmas (5ª a 8ª séries), fazendo-me observar o quanto eles eram desinibidos.

A escolha dessa atividade de Jogos de tabuleiro deu-se pela necessidade dos alunos em jogar esses diversos jogos trazidos por eles mesmos, além da importância em se ter amigos para jogar, unindo-os pelo interesse, descobrindo outros amigos com gostos diferentes ou semelhantes, a diversidade por conhecer novos jogos interessantes, criando momentos de troca de conhecimento sobre jogos e trazendo um pouco a história de cada aluno para dentro da escola.

Para essa atividade, os alunos formaram pequenos grupos em que puderam vivenciar vários jogos, elaborando um plano de atividades semanal, o qual facilitou a organização da atividade. O professor foi o mediador nesse trabalho, organizando os grupos, orientando e trocando conhecimentos sobre os jogos.

Cabe ainda ressaltar que, nessa aula, a educação física não se dá somente nas quadras, espaços abertos e estruturados, podendo ser explorada dentro da sala de aula, como foi o objetivo desse módulo.

Tantos outros momentos pude vivenciar, como as atividades esportivas, na qual tivemos aulas de handebol, basquete e vôlei. A proposta das aulas foi bem interessante. Não foram ensinadas as técnicas e fundamentos desses esportes de maneira estereotipadas. Por meio de vários jogos desportivos coletivos, chegamos ao objetivo de cada jogo (com regras, técnicas e táticas).

Num determinado dia, estava combinado entre a coordenadora da escola, Profa. Rina, e o Prof. Alcides, de fazer durante o horário da aula de educação física, a leitura do Jornal de Parede. Esse material consiste em temas como: eu critico, eu felicito, eu proponho, eu pergunto. Quinzenalmente é lido pela classe, com o propósito de realizar-se uma reflexão sobre as sugestões e críticas feitas pelos próprios alunos, que serão discutidas e avaliadas, sendo tudo registrado no Livro da Vida. Esse momento da leitura do Jornal de Parede é muito rico; o aluno percebe-se como indivíduo atuante, responsável pelas suas atitudes e deveres.

Alguns alunos, durante a leitura do jornal, reclamaram em “perder” a aula para conversar sobre os problemas da classe e seus colegas, embora pude perceber que os mesmos alunos que reclamavam eram os que mais precisavam refletir sobre suas atitudes e comportamentos em sala, pois segundo os colegas de classe, eles é que estavam atrapalhando o aproveitamento da classe.

Após o dia da leitura do Jornal de Parede, percebi uma melhora no comportamento dos alunos que foram questionados naquele dia, o que me faz salientar a importância desse momento para um melhor aproveitamento das atividades e convívio escolar.

Outro momento especial da educação física na escola são os Jogos da Amizade, que acontecem todos os anos, durante o mês de outubro. A escola mobiliza-se por uma semana, enfatizando esses jogos. As aulas das outras disciplinas são suspensas, transformando o espaço escolar em momentos de grande exercício de cooperação. Durante esse evento, ocorre uma competição entre as equipes, mas esse não é o objetivo central dos Jogos da Amizade. O ambiente é todo voltado para a cooperação. Não existe um “Grito de Guerra” de cada equipe, o que existe é o “Grito da Amizade”, elaborado pelos integrantes de cada equipe. São quatro equipes no total: a amarela, a vermelha, a azul e a verde. A idéia dos jogos é fazer com que as equipes joguem com *alguém*

e não *contra alguém*, propiciando um clima de solidariedade e cooperação entre os colegas.

Uma outra característica dos alunos, que convém salientar, diz respeito à calma com que eles saem da classe para fazer as aulas de educação física. Geralmente, nas outras escolas que conheço, os alunos, ao virem o professor de educação física chegar na porta da classe, começam a se alvoroçar e ficam ansiosos para sair depressa da sala e ir para a educação física.

Tive a oportunidade de assistir ao filme "Duelo de Titãs" num dia em que choveu muito, dificultando a aula em quadra. Vale ressaltar que esse vídeo já estava no planejamento das aulas do Prof. Alcides, por tratar do assunto do módulo seguinte, Futebol Americano. Após o filme, foi proposto um relatório do mesmo, buscando salientar o jogo de Futebol Americano, observando as regras e fundamentos.

Destaco as diversas formas de avaliação experimentadas pela proposta de educação física da escola e do Prof. Alcides, que "quebram" com as tradicionais avaliações incoerentes, na qual os alunos são avaliados pela frequência nas aulas ou pela sua capacidade física. A avaliação é um processo contínuo, que envolve não apenas os alunos, mas também os professores, a instituição, os pais etc. Durante o semestre, o professor sugeriu alguns trabalhos de pesquisa para que os alunos desenvolvessem textos livres sobre o futebol, escolhendo um jogador e discorrendo sobre a vida esportiva desse personagem. Outro trabalho proposto foi o relatório de basquete, no qual os alunos descreviam o que haviam trabalhado na aula, enfatizando as regras e as disposições táticas do jogo. Para o final do semestre, o professor propôs uma prova contendo 100 perguntas testes, abrangendo todos os conhecimentos da cultura corporal trabalhados durante o ano.

Penso que esses trabalhos, a participação dos alunos nas aulas e a prova escrita, configuram uma forma de avaliação mais coerente e significativa tanto para os alunos, quanto para o professor.

Para avaliar, o professor precisa avaliar-se, percebendo seus erros, faltas, decisões, verdades cristalizadas... Dessa maneira, acredito que possa questionar-se sobre o que deu certo, o que poderia ser melhorado, o que poderia ser incluído como atividade.

Como a proposta da Escola Curumim é bem diversificada, oportuniza aos alunos saírem da sala de aula e buscarem outros espaços da escola para ler ou fazer outras atividades. Por várias vezes presenciei algumas professoras dando aulas à sombra das árvores da escola, ou então, principalmente nas aulas de educação artística, os alunos utilizando os espaços abertos da Curumim para elaborarem seus desenhos, painéis, fantoches e outras atividades proposta pela professora. Percebo que esses momentos vêm ao encontro da proposta de Célestin Freinet, refletindo numa qualidade de ensino significativa que busca trabalhar, a todo momento, relacionado ação e reflexão no sentido da construção da autonomia dos educandos.

Acredito que quanto mais se exerça a capacidade de aprender com criticidade, tanto mais se constrói e desenvolve a curiosidade, sem a qual não alcançamos um conhecimento profundo das coisas que fazem parte da nossa cultura, o que nos leva à crítica e à recusa ao "ensino bancário", que deturpa a criatividade necessária do aluno e do professor, legitimando o autoritarismo.

Por meio da ação e da reflexão, deve-se possibilitar ao educando compreender o seu mundo e a realidade social, alertando-o sobre as condições, possibilidades e conseqüências de seu agir. Foi isso que pude observar nas aulas de educação física da Escola Curumim, na qual o aluno interage com o professor, trocando experiências, construindo regras e conhecimentos juntos - quebrando com aquela antiga concepção de aulas prontas, trazidas pelo professor autoritário, em que o aluno reproduz o que o professor impõe, não havendo uma troca efetiva entre os conhecimentos dos professores e alunos.

Concordo com Freire (1996) quando afirma que, nós se pretendemos ser professores críticos, sabemos que, a partir de nossas aulas, não iremos transformar o país. Mas temos a importante tarefa político-pedagógica de ajudar nossos alunos a compreender que mudar é possível.

Temos muito o que remar para fazer a canoa movimentar-se na direção que queremos. Podemos melhorar nossa prática pedagógica e construir parte da história da educação de nosso país, trabalhando com nossos alunos de maneira crítica e buscando sempre a experiência deles (e a nossa) para assumirem-se como seres capazes, sociais, históricos, pensantes, transformadores, criadores, realizadores de sonhos. De nada serve, a não ser para irritar os alunos e desmoralizar o discurso hipócrita do professor, falar em democracia e liberdade, mas impor aos alunos a vontade arrogante do professor.



Capítulo V
Considerações finais

Numa época em que a cultura massificada, dominante, impõe toda uma atenção sobre o corpo, idolatrando-o, cultuando-o, cabe-nos, mais do que nunca, exercer o nosso papel no âmbito escolar, de sermos profissionais da educação física capazes de fazer do estudo da cultura corporal um espaço para a emancipação humana.

Precisamos olhar a educação física por dentro, buscando os caminhos necessários para fazer dela uma disciplina escolar que venha a desenvolver criticamente, uma consciência corporal, uma compreensão do que é corpo, de como esse corpo, no decorrer da história, foi tratado e significado pelas diferentes civilizações.

Nessa perspectiva, o professor de educação física não é mais aquele que procura passar técnicas corporais ou esportivas aos seus alunos, mas aquele que, por meio delas e em conjunto com os seus alunos, realiza uma leitura crítica do mundo, interferindo e sofrendo interferências, possibilitando a transformação dessa realidade.

Considerando as necessidades dos alunos, os educadores devem procurar desenvolver o trabalho de maneira flexível, dentro de um processo metodológico que mobilize interesses, ative a participação, desafie o pensamento, instale o entusiasmo e a confiança, possibilite acertos, valorize avanços e melhore a auto-estima. Por certo, esses princípios podem constituir-se em caminhos para a atuação do professor, numa busca de tornar significativo e bem-sucedido o processo de ensino-aprendizado. É imprescindível que nossa escola seja a escola do êxito e não do fracasso; local onde saibamos aproveitar os entusiasmos dos alunos e trabalhar com as tensões.

Tomando como referência a Pedagogia Freinet e seus princípios, espero, com este trabalho, ter contribuído para uma reflexão acerca da prática pedagógica nas aulas de educação física escolar. Com base nela, a educação física pode colaborar com o processo de construção de uma sociedade voltada para a formação de seres mais HUMANOS.

Referências bibliográficas

- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- Curumim, Escola. *Tateios e Reflexões Pedagógicas*. Campinas: Escola Curumim, 1999 a 2001. (mimeo).
- ELIAS, Marisa Del Cioppo. *Célestin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação*. 4.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- . (Org.). *Pedagogia Freinet: teoria e prática*. Campinas: Papyrus, 1996.
- ESCOBAR, Micheli Ortega. *Contribuição ao Debate do Currículo em Educação Física: uma proposta para a Escola pública*. Recife: Secretaria de Educação de Pernambuco, 1989.
- FREINET, Célestin. *Educação pelo o trabalho*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FREIRE, Paulo. Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, Carlos RODRIGUES. (Org.). *O educador: vida e morte*. 9 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989. p.89-101.
- . *Pedagogia da Autonomia*. 18.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPE-UFSM. *Visão didática da Educação Física: análises críticas e exemplos práticos de aulas*. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1991.
- JOFFILY, Ruth. *Pedagogia Freinet uma abordagem inicial*. 1979. (mimeo)
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- SAMPALIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. *Freinet: Evolução Histórica e Atualidades*. 2.ed. São Paulo: Sciplone, 1994.
- SNYDERS, George. *A alegria na escola*. São Paulo: Manole, 1988.
- SOARES, Carmem Lúcia. Educação Física Escolar: conhecimento e especificidade. *Revista Paulista de Educação Física*, supl. 2, p.6-12, 1996.
- . Fundamentos da Educação Física Escolar. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v.71, n.167, p.51-68, 1990.